

Asclépio

BOLETIM DA ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO

Ano 2 | nº 3 | Jan-Fev/11



A Presidente comenta

Yvonne Capuano



Se a luta pela valorização profissional do médico tem, hoje, várias frentes, além de contar com o empenho de inúmeras entidades igualmente preocupadas em oferecer à população um atendimento ético, humanizado e de qualidade na área da saúde, é preciso não esquecer a liderança que teve, nesse processo, a Associação Paulista de Medicina.

Sua criação, em 1930, estimulada pela iniciativa de Alberto Nupieri, Oscar Monteiro de Barros e Domingos Rubião Alves Meira, entre outros renomados médicos, dava início a uma nova era. A medicina deixava de ser profissão liberal. Sob o influxo dos movimentos sociais, os médicos passavam à condição de trabalhadores assalariados, atuando mediante contratos que lhes eram, muitas vezes, desfavoráveis, em prejuízo também dos serviços que prestavam. Era necessário fundar uma entidade que defendesse seus interesses.

Nesses oitenta anos de trabalho profícuo, a missão da Associação Paulista de Medicina foi, sem dúvida, ampliada, em consonância com as demandas de nosso Estado. Em meio à luta, que continua, as vitórias foram muitas, e podemos olhar para trás com um duplo sentimento: de orgulho, pelo dever cumprido, e entusiasmo, pelo que ainda nos cabe fazer em prol da categoria. A Academia de Medicina de São Paulo manifesta à Associação Paulista de Medicina, nesta importante efeméride, seu preito de admiração e louvor.

Quíron, educador de Asclépio

Ao se procurar conhecer os primórdios da medicina vamos verificar que a mitologia grega oferece aos conhecimentos atuais alguns de seus mitos especialmente ligados à medicina.

Entre esses Quíron foi, talvez, o mais remoto, pois foi quem transferiu a Asclépio os conhecimentos sobre as doenças. Quíron, meio homem e meio cavalo, não tinha a natureza selvagem dos outros centauros, ele era em verdade o mais sábio e o mais justo de todos eles. Apesar de imortal, irmão de Zeus, Poseidon e Hades, Quíron vivia entre os mortais, em uma gruta do monte Pelion na Tessália. Dedicado à caça em suas andanças, foi se transformando em conhecedor das plantas medicinais e, na aplicação dessas, acabou conhecedor da cirurgia. Esses conhecimentos médicos ele os transferiu aos mortais. Sua sensibilidade o fazia ter um acentuado pendor musical, além de outros conhecimentos práticos importantes para sua época. Foi amigo de heróis como Peleu e Hérades e educador de muitos outros heróis, entre eles Aristeu e seu filho Acteon, Aquiles, Jasão e Asclépio. Quíron pode ser considerado o mais antigo professor de mitologia grega.



Quíron, o mais sábio e o mais justo de todos os centauros.

Uma lenda sobre sua morte conta que ele foi atingido acidentalmente por uma flecha envenenada que produziu uma ferida incurável e produtora de dores insuportáveis. Mesmo apelando para seus conhecimentos, não conseguiu se livrar do sofrimento. Renunciou, então, à imortalidade para morrer e escapar dos sofrimentos. Deixa Quíron uma lição para a medicina moderna, o direito de escolher a morte em vez de continuar vivo a sofrer.

Palavra do Editor

Affonso
Renato
Meira

Muito obrigado por ajudarem a carregar a tarefa de editar o Asclépio. Não que se trate de tarefa árdua, cansativa ou indesejada, mas porque na realidade essa tarefa não é única. Ao editor cabe reunir as matérias enviadas, adequá-las e adaptá-las para a publicação. Se não houver matéria não há edição. E matéria tem sido oferecida com generosidade pelos acadêmicos. Por isso, a minha primeira obrigação é agradecer.

A segunda palavra é apresentar escusas aos que enviaram matérias e as expuseram para serem publicadas e não as vêem neste número. A razão é que para serem editadas as matérias devem preencher três condições. A primeira condição é que a matéria seja de autoria de um membro da Academia de Medicina de São Paulo. Segunda condição é obedecer às seções de que é constituído o boletim da Academia, ou seja, assuntos contemporâneos da prática e da docência da medicina, e da memória e do histórico da Academia. A terceira condição é preencher o espaço disponível. As normas de publicação estabelecem esses espaços.

Tudo realizado, a publicação obedece à cronologia das apresentações enviadas. Não existe qualquer tipo de escolha de um ou outro tema ou de impedimento deste ou daquele assunto.

Portanto, a condição de editor é tranquila, e essa tranquilidade é também produto do apoio que recebo indistintamente de todos os diretores com os quais convivo nestes quase dois anos.

Acontece na Academia

Acadêmicos lançam livros

- **Dr. Zerbini: o médico e o mito** é o título do livro de autoria de Yvonne Capuano, lançado no dia 14 de setembro em concorrida tarde de autógrafos na Livraria Cultura. A biografia de Zerbini, além de revelar traços característicos de sua personalidade – dedicação ao trabalho, persistência e modéstia, traz à tona momentos importantes da história da medicina no Brasil.
- **Código de Ética Médica: comparações e reflexões**, de autoria de Affonso Renato Meira, foi a obra lançada no dia 24 de novembro na Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina. Em uma análise dos Códigos, o anterior e o atual, o estudo levanta questões que devem e precisam ser abordadas pela sociedade para saber o que se deseja do comportamento do médico. Prefácio de Guido Arturo Palomba.
- **Imortais da Abrames** é uma obra que contém biografias de todos os membros da Academia Brasileira de Médicos Escritores, além de aspectos históricos dessa entidade. Seu autor é Hélio Begliomini e o lançamento foi no dia 26 de novembro, na sede do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro.

Acadêmicos no mundo

- O acadêmico José Luiz Gomes do Amaral foi eleito para a presidência da Associação Médica Mundial em 16 de outubro, durante a Assembleia Geral ocorrida em Vancouver, Canadá. A posse acontecerá em solenidade marcada para outubro em Assembleia Geral, no Uruguai.
- O acadêmico José Roberto de Souza Baratella foi escolhido como representante da América Latina e do Caribe junto à Federação das Associações de Cirurgia Pediátrica, em colóquio realizado na Índia, em novembro de 2010.
- As tertúlias, que tomaram novamente sua rotina de realização, vêm ocorrendo em todas as terças-feiras do mês, no restaurante do décimo primeiro andar do prédio da Associação Paulista de Medicina, com início às 12 horas. É uma oportunidade para um encontro amistoso entre os acadêmicos, assim como para participar da discussão de um tema médico da atualidade. Participar é colaborar.
- O acadêmico tem a via de estar em contato com a Academia de Medicina de São Paulo no site que é mantido sempre atualizado. Visite www.academiamedicinasaopaulo.org.br e encontrará notícias, histórico, os nomes dos atuais diretores, a relação de acadêmicos, a descrição do emblema e os eventos em que a Academia estará representada. O acadêmico pode e deve enviar sua colaboração para o site pelo e-mail contato@academiamedicinasaopaulo.org.br. A colaboração é sempre bem-vinda.
- A Academia de Medicina de São Paulo mantém o expediente da secretaria de segunda a sexta-feira, das 12 horas às 18 horas, na sede localizada à Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 278 – 6º andar, prédio da Associação Paulista de Medicina. A diretoria da Academia de Medicina de São Paulo reúne-se em sua sede todas as segundas-feiras do mês, às 12 horas, para cuidar do expediente e tomar as decisões relativas às atividades administrativas e financeiras.

Contemporâneo

Não aceitação de orientação médica

A não permissão que sua filha de treze anos, portadora de uma anemia falciforme, recebesse uma transfusão sanguínea e a possível consequência do fato, levando à morte da menor, levou os pais da menor a serem julgados pela justiça paulista.

O Tribunal de Justiça de São Paulo decidiu mandar a júri popular por homicídio doloso os pais de Juliana Bonfim da Silva, por serem Testemunhas de Jeová e não permitirem uma transfusão de sangue na filha.

Decisões desse teor precisam estar baseadas em fatos seguros e indiscutíveis. No caso em pauta, a transfusão de sangue poderia, isso sim, melhorar as condições de saúde da paciente. Mas a própria transfusão de sangue

não é imune de produzir prejuízos ao receptor e, se não acompanhada de outros cuidados, não seria fator para levar à possível cura da paciente.

O ponto crucial da discussão, todavia, não se resume à importância de uma medicação, dizendo respeito à razão pela qual os pais da menor decidiram de modo a impedir essa transfusão de sangue, não aceitando uma decisão médica. É isso o que a sociedade vai julgar.

O médico, sob seu ponto de vista, indica ao cliente aquilo que no seu conhecimento, tendo como alvo a saúde do paciente e atuando em benefício desse doente, é o maior bem que seus conhecimentos científicos oferecem. Por razões éticas deve o médico obter o consentimento do cliente

ou de seu representante legal para dar procedimento às medidas propostas. Na vivência da medicina esse bem é confluyente. Na maioria acentuada das vezes, o cliente aceita a orientação do médico.

Porém, é possível que se estabeleça um confronto, considerando o cliente que a sua verdade de origem religiosa, mística ou cabalística, ofereça a ele um bem superior àquele apresentado pelo médico.

Foi o que ocorreu. Em razão de sua crença religiosa, os pais da menina discordaram da decisão oferecida pelos médicos. Este é o âmago da questão. Aos membros da religião de Testemunhas de Jeová a aceitação da transfusão de sangue tem o significado da perda da vida divina. Ao médico a não realização da transfusão seria a perda da vida terrena.

O valor do dogma espiritual deve ser respeitado ou a legislação jurídica deve ser imposta?

Os pais da menina se preocuparam com uma salvação divina que a transfusão sanguínea iria impedir.

Devem ser culpados por terem uma fé religiosa diversa da dos seus julgadores?

Estará o agnosticismo decidindo e se sobrepondo, e não se deve acreditar na existência de um Deus de qualquer orientação religiosa, ou só existe um Deus que é o da religião que se professa?

Essa é a resposta a ser obtida.



Memória

Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho

Wilson Rubens Andreoni
Titular da Cadeira 11

O Doutor Arnaldo foi o grande incentivador para que uma Faculdade de Medicina fosse fundada na cidade de São Paulo, o que conseguiu que ocorresse em 1912, quando foi criada por Lei assinada por Rodrigues Alves, então Presidente do Estado de São Paulo.

O Doutor Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho teve como berço a cidade de Campinas, na época conhecida no Estado de São Paulo como a “Cidade das Andorinhas”, isso se deu no dia 05 de Janeiro de 1867. Era filho de Carolina Xavier de Carvalho e de Joaquim José Vieira de Carvalho, advogado de nomeada.

Depois de sua diplomação, em 1888, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi nomeado para cargos importantes, como consultor e assistente da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, médico responsável pela Hospedaria dos Imigrantes e, já em 1889, médico adjunto, cirurgião, vice-diretor clínico da Santa Casa. Em 1893, diretor do Instituto Vacinogênico, cargo que ocupou até 1913, e, finalmente, em 1894, foi indicado para chefe de Clínica Cirúrgica e, em seguida, diretor clínico do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Em 1895, com a finalidade de agregar todos os médicos do Estado, capitaneada pelo médico Luiz Pereira Barreto e tendo entre os seus membros eméritos fundadores Arnaldo Vieira de Carvalho, foi fundada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e, a partir daí, a ideia da implantação de uma faculdade de medicina teve mais ênfase, não devendo ser esquecido que já em 1891 Arnaldo lutava para a sua abertura

Arnaldo Vieira de Carvalho escrevia no jornal O Estado de São Paulo sob o pseudônimo de “Epicarnus”, opinando sobre a organização médica e política de saúde, crendo firmemente que a solução dos problemas gravíssimos existentes na assistência à saúde naquela época poderiam ser resolvidos quando os médicos fossem parte ativa



nas questões sociais e fisiológicas, ciências básicas da profissão.

Em 1912 Arnaldo foi designado pelo Presidente do Estado, Francisco de Paula Rodrigues Alves, com total apoio do Secretário do Interior, Altino Arantes, para implantar definitivamente o ensino médico no Estado de São Paulo. Assim, criada pela Lei 1.357, de dezembro de 1912, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que sucedia a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia mencionada, iniciou suas atividades, depois de sua regulamentação, o

que se deu em 1913. O ensino clínico e cirúrgico sob sua orientação era praticado nas enfermarias da Santa Casa de Misericórdia, da qual era diretor, pois já era norma, desde o século XVIII, que o aprendizado e treinamento oficiais em medicina se davam geralmente nos hospitais dessas Santas Casas.

Arnaldo, com a sua maestria, previsão e resolutividade, propôs para a faculdade recém-criada o método moderno de adequar as aulas teóricas a práticas de laboratório, dando oportunidade aos estudantes de receberem uma formação mais dinâmica e completa, primando pela parte científica, e não simplesmente clínica.

Durante os anos de 1913 a 1920, Arnaldo foi o seu primeiro Diretor, sendo em janeiro desse último ano lançada a pedra fundamental da sede própria da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, na então Estrada do Araújo (defronte ao cemitério), que a partir de 1931 passou a ter o seu nome.

Arnaldo, como Diretor da Faculdade de Medicina, sempre foi lembrado como benemerente audacioso e heróico que enfrentara, junto com seus alunos, a gripe espanhola de 1918.

Lamentavelmente, a cinco de junho de 1920, por volta das 13 horas, uma fatídica morte, completamente inesperada e abominável, advinda de um ferimento na mão coincidentemente provocado por um bisturi, durante a prática de uma cirurgia, que evoluiu rapidamente para uma brutal septicemia, ceifando a vida daquele que tanto fez para os homens sem nada pedir em troca, senão o intuito de mitigar a dor alheia desfazendo as trevas que põem em risco a existência humana.

Aula expositiva de Clínica Médica

Arary da Cruz Tiriba
Titular da cadeira 81

O aprendizado para o exercício da clínica médica envolve três peças animadas: doente plus professor plus aluno. A primeira não obrigatoriamente animada, razão bastante para que receba boa assistência e, sobretudo, que se lhe dê ouvidos com atenção. Para preenchimento do triângulo está faltando... a aula!

Não de hoje, a aula expositiva vem deixando de integrar a programação nas disciplinas clínicas. Ultrapassada se a instituição é dotada com suficientes docentes do quadro e de preceptores com doutorado, encarregados da orientação dos subgrupos de alunos - em torno da dezena -, durante o rodízio de semanas pelas enfermarias específicas. Parcelas do conhecimento, a resultante.

A apreciação de uma aula não está, apenas, na exposição, no conteúdo e no aproveitamento. É possível que haja algo mais a perdurar na memória do aluno.

Professor notável, não apenas por ser autor de título consagrado da parasitologia: Samuel Barnsley Pessoa. Voz bitonal - ora grave ora fina -, mas sua estranha fonação levava ao meticuloso “passeio” pelas endemias regionais dos Brasis. Assim, formou seu discípulo Oswaldo Paulo Forattini, professor que habitava o extraterritório de sua sala departamental na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Vivia e pesquisava no ambiente silvestre trazendo-o para o convívio dos sanitaristas.

O didatismo de que são dotados raros professores não deve permanecer oculto para iniciantes: Gildo Del Negro - docente de Moléstias Infecciosas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - inesquecível! Brilhante e preciso, suas aulas organizadas mantinham a atenção no conteúdo e na didática. Aula “organizada”, resultado de experiência, revisão, pesquisa, ordenação, clareza...

O desestímulo pelas aulas expositivas não significaria o “apagão”, o sacrifício de um



componente precioso da pedagogia médica? Se aulas subsistem para a prática do pós-graduando, para os concursos de docência livre e de professor titular!... O bom didata pode modelar o aluno.

O material de apoio foi aperfeiçoado. Passando do quadro negro ao álbum seriado, mimeógrafo, epidiascópio, projetor de slide, retroprojetor... Na fase atual, temporariamente estacionado no datashow. Cheio de cores, o visual da matéria de ensino é agradável. Mas, de certa forma, nivela por igual os docentes, que deixam de ser perenizados como foram os do passado por sua voz bitonal (Samuel Pessoa), monocórdica (Alípio Corrêa Neto) ou gritada (Domingos Delascio)... Imortais!

Histórico

Escola Paulista: primeiros tempos

Affonso Renato Meira
Titular da cadeira 5

O acadêmico Affonso Renato Meira, bisneto de Luigi Schiffini, proprietário da chácara onde se instalou a Escola Paulista de Medicina, morou na Vila Clementino e formou-se médico por essa Escola em 1955.

A Vila Clementino, no início dos anos de 1930, se constituía de algumas casas, entre outras de muitas chácaras com plantações de verduras ou de descanso, como o sítio, onde quis o destino que ela, depois de herdada pelo médico neurologista Joaquim Pennino, genro de Luigi Schiffini, viesse a ser a sede da Escola Paulista de Medicina. Nos altos da Vila Clementino, onde o ar era puro, o Cavalheiro da Coroa do Rei da Itália Luigi Schiffini, recém chegado da Itália, resolveu localizar sua moradia. A região desse tempo permitia ter um sítio ao lado de uma estrada que levava ao posteriormente estabelecido como campo de aviação. De outra parte existia um caminho que cruzava um bosque de eucaliptos, hoje Parque do Ibirapuera, usado pelas boiadas que se destinavam ao matadouro localizado no largo onde termina a Rua Tangará. Dali duas ruelas era o caminho pouco iluminado que quase não deixava o acesso chegar à noite. Assim, o sítio da Vila Clementino naquela época era na realidade um local com a característica de uma região fora dos limites da cidade de São Paulo.

Essa andança para chegar até a chácara se fazia por ruas sem calçamento, por onde de quando em vez uma boiada passava chamada pelo som berrante de chifre do tocador, em muitas oportunidades montado em cavalo. Os passeios haviam de ser diurnos, à noite a escuridão era debilmente afastada, pois a luz das ruas se fazia a gás, com os lampiões que hoje decoram a entrada da Escola na Rua Botucatu.

Depois de 1920, com a morte de Luigi Schiffini, seu genro Joaquim Pennino, médi-

co estudioso dos assuntos referentes aos aspectos neurológicos e psicológicos, assim como foi o outro genro de Luigi Schiffini, Alfonso Splendore que revelou ao mundo a existência do Toxoplasma, construiu na área um serviço de atenção médica aos deficientes mentais. Parte dessas edificações ainda hoje é aproveitada para abrigar áreas da Escola.

Foi nesse local que, nos meados dos anos de 1930, a Escola Paulista de Medicina se estabeleceu. Pennino, procurado pelos fundadores da Escola, concordou em ceder o local.

Com o passar dos tempos e com a chegada da Escola o redor de chácaras de verduras e campos de futebol se desfigurara, ruas sem calçamento, locais sem iluminação onde pares iam namorar, carrocinhas de padeiros distribuindo pães em domicílios, leite entregue em garrafas colocadas ao relento na madrugada e o silêncio e a calma de um lugarejo de interior foram desaparecendo. Por necessidade dos alunos o ônibus pintado de azul, linha 47, passou a percorrer da Escola até o Largo São Francisco e o Bonde 47 deixava os estudantes a três quadras da Escola, em parada próxima à Rua Botucatu.

A presença da Escola já impunha condições. O sítio de ar puro e saudável se transformava em razões da necessidade da urbanização a surgir. O calçamento das ruas com seus paralelepípedos mostrava o progresso. Ruas como as que levavam à Escola receberam iluminação elétrica. As brincadeiras da meninada das proximidades – as bolinhas de gude usadas nos jogos nas calçadas de terra, assim como os piões nos desafios e as figurinhas, razão dos bafa-bafa – passaram a um segundo plano. A Vila Clementino deixava a garotada e se focava nos estudantes de medicina.

Octavio de Carvalho, Rodolpho de Freitas, Jairo de Almeida Ramos, Álvaro Guimarães, Antonio Almeida Junior, Flávio da Fonseca, Horácio Knesse de Melo, Oto Bier, José Ribeiro do Vale, José Maria de Freitas, Alípio Corrêa Neto, José Leal Prado de Carvalho, João Moreira da Rocha, Luiz Pereira Barreto Neto, Moacyr Amorim, Heribaldo Loverso, Marcos Lindenberg, Nicolau Rossetti, Mario Pasqualucci, Nylceo Marques de Castro, Paulo Enéas Galvão, Paulo Mangabeira Albernaz, Walter Leser, Guilherme Oswaldo Arbenz, Arary da Cruz Tiriba, Reinaldo Furlanetto, Roberto Aun, Pedro de Alcântara, Domingos Delascio, Henrique Mélega, Jair Xavier Guimarães, Magid Yunes, Felipe Figlonimi, Octávio Della Serra, Mario Ruivo, Silvio Carvalhal, Milton Picosse, José Landulfo, Renato Woiski, Antonio José Gebara, Afiz Sadi, Carlos D'Andretta Junior, Wilson Sasso, Octávio Lemmi, Ricardo Vagnotti, Wladimir da Prussia Gomes Ferraz, entre tantos outros,

constituindo uma plêiade de docentes, de meritório saber, não abandonavam a meta de realizar um curso para futuros médicos dentro do ideal possível e se empenhavam todos eles em transmitir aos alunos o que havia de mais moderno e de mais valioso do saber com o fim de permitir aos futuros profissionais o exercício de uma medicina de melhor qualidade para atender a comunidade.

Os médicos se formavam sem pensar em especialização, em São Paulo de então havia somente duas escolas de medicina. Não havia internato e residência médica. O desejo de um hospital que viesse oferecer que esse ideal se concretizasse chegou com o fim dos anos de quarenta de mil e novecentos.

O Hospital São Paulo cresceu na importância entre as entidades médicas de São Paulo. A Escola Paulista de Medicina fez seus vinte e cinco anos e logo foi federalizada. De peque-

na inspiradora de shows e de poesias feitas por acadêmicos realçando a faculdade e os docentes, caminhava para atingir a grandiosidade dos dias atuais. Hoje se ombréia como das melhores escolas de medicina das Américas.

Era o tempo que passava para aqueles que nos idos dos anos trinta conheceram a Vila Clementina e o surgimento da Escola Paulista de Medicina. Para os alunos era o fim das competições esportivas contra a Escola Politécnica, a célebre Pauli-Poli que entusiasmava toda a estudantada paulistana. Nos anos de mil novecentos e cinquenta duas grandes disputadas poli esportivas ocorriam entre estudantes de medicina e de engenharia: a Mac-Med entre os estudantes de engenharia do Mackenzie e os de medicina da Universidade de São Paulo; e a Pauli-Poli entre os estudantes de medicina da Escola Paulista de Medicina e os estudantes de engenharia da Politécnica da Universidade de São Paulo. Tudo isso o tempo apagou.

No seu lugar surgiu uma entidade magnífica, tomando não somente a antiga chácara do Cavalheiro Schiffini, mas também as áreas ao redor. No lugar da Escola Paulista de Medicina o que existe é a Universidade Federal de São Paulo, que entre suas instituições abriga uma escola de medicina.

Abaixo, pintura em azulejo "Escola Paulista de Medicina", de Tom Arzezanato. O logotipo ao lado retrata o prédio que sediou a Escola Paulista de Medicina a partir de 1936.



Variedades

Museu Histórico “Prof. Carlos da Silva Lacaz” da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Carlos da Silva Lacaz foi Professor Catedrático de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo por um longo período, dedicando-se ao ensino e à pesquisa.

Ao lado dos valiosos trabalhos publicados versando sobre pesquisas relativas à Microbiologia, o Prof. Lacaz foi Diretor da Faculdade no período de 1974 a 1978, assim como emprestou sua capacidade à cidade de São Paulo como Secretário Municipal da Saúde do Prefeito Olavo Setubal. Paralelamente, sempre se interessou pela história da Medicina, tendo escrito e publicado diversos livros enfocando personagens médicas. Foi ele quem organizou um Museu com peças obtidas através de seu empenho e provenientes de diversas origens.

No fim de 2009, o Museu reformado foi reinaugurado, abrindo suas portas e assinalando as novas bases sobre as quais o Museu Histórico encontra-se



Carlos da Silva Lacaz em dois momentos.

reorganizado e constituído em uma das mais importantes instituições no que se refere à história e à memória da prática médica no Brasil e na América Latina.

Uma exposição organizada por André Mota sob o título “Arte e Medicina: interfaces de uma profissão” mostra a procura de inserir as artes como caminho para o cientista chegar às humanidades, de cujo conhecimento se faz ávido para cuidar de seu paciente.

Visitas estão abertas ao público. O Museu se situa na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, na Avenida Dr. Arnaldo, 455.

Diretoria

Presidente
Vice-Presidente
Secretário Geral
Secretário Adjunto
Primeiro Tesoureiro
Segundo Tesoureiro
Diretora Cultural
Diretora de Comunicação

Acadêmica Yvonne Capuano
Acadêmico José Roberto de Souza Baratella
Acadêmico Luiz Celso Mattosinho França
Acadêmica Marilene Rezende Melo
Acadêmico Affonso Renato Meira
Acadêmico Hélio Begliomini
Acadêmica Rozeane Luppino
Acadêmica Linamara Rizzo Battistella

Comissão de Patrimônio

Acadêmico Guido Arturo Palomba
Acadêmico José Luiz Gomes do Amaral
Acadêmico Rui Telles Pereira

Conselho Científico

Acadêmico Afiz Sadi
Acadêmico Arary da Cruz Tiriba
Acadêmico Nadim Farid Safatle

Boletim da Academia de Medicina de São Paulo

Editor Acadêmico Affonso Renato Meira
Endereço Avenida Brigadeiro Luis Antonio, 278 | 6° andar | Tel.: (11) 3105.4402
E-mail contato@academiamedicinasaopaulo.org.br

Produção Gráfica Aliá Editora | www.aliaeditora.com.br | Tel.: (11) 2122.8661

O Asclépio não tem responsabilidade alguma nas matérias assinadas pelos acadêmicos.

Expediente